

# Editorial

A Revista Cena chega à sua décima quarta edição apresentando o dossiê Cyber corpo, hiper corpo, corpo vulnerável: modalidades de presença na cena contemporânea. A partir das noções de corpos midiáticos (tecnologias da imagem e do som que multiplicam, expandem, fragmentam os corpos em cena), corpos gloriosos (fortes, belos, polivalentes, espetaculares, colocando-se em situações de risco) e corpos vulneráveis (fracos, incipientes, doentes, expondo a fragilidade humana e a impermanência física), o dossiê, constituído por artigos oriundos de chamada pública, tem por propósito suscitar discussões sobre as possíveis corporeidades que habitam a cena contemporânea.

Assim, **Gabriela Lírio Gurgel Monteiro**, a partir da análise do espetáculo de Marcelo Braga, *O homem vermelho*, que relata o enfrentamento de um câncer raro, examina a noção de corpo pós-humano e sua interação com a tecnociência. **Lisandro Bellotto e Marta Isaacsson** apresentam o processo de criação uma performance – *Um títere de si mesmo* – que investe na relação do corpo com a imagem virtual e no uso da tecnologia como agenciadora de dinâmicas de colaboração que contribuem para a construção de um hipertexto cênico. **Silvia Susana Wolff** problematiza as relações entre a dança cênica e os artefatos tecnológicos, enfatizando os efeitos da videodança na constituição de corpos dançantes na contemporaneidade. **Isa Sara Rego e Ludmila Pimentel** analisam o conceito de *cyborg*, elaborado por Donna Haraway no início dos anos 1990, e propõem a noção de cibercorpo como uma possibilidade de atualização desse conceito.

Em Conexões, **Ileana Diéguez**, pesquisadora da Universidad Autónoma Metropolitana, México, reflete sobre os modos de representação do corpo nas práticas artísticas embebidas em contextos de violência nos quais os corpos se apresentam fragmentados, despedaçados, dilacerados. **Erin Manning**, professora titular da Concordia University, Canadá, ao analisar o filme *Olympia*, de Leni Riefenstahl, propõe que os movimentos de câmera sejam vistos como estratégias de invenção do corpo em si, que permitem especular sobre as ideologias contidas nos gestos retratados e inventados em cena.

A presente edição apresenta ainda uma entrevista realizada por Sylvie Fortin, professora e pesquisadora da Université du Québec à Montreal, com as bailarinas Nathalie Buisson e Christine Hanrahan, sobre as relações entre a experiência da doença – o câncer no cérebro, que afetava as duas – e a experiência da dança, refletindo sobre a autonomia do bailarino e do paciente nas suas incursões nos circuitos de produção artística e no sistema de saúde.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Fagundes Dantas

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Suzi Weber

Editoras - Cena 14